

EXTENSÃO RURAL 25 ANOS COM VOCÊ.



EU CREIO

NO AGRICULTOR E NA TERRA — FONTES DE RIQUEZA
E BEM ESTAR E NO DIREITO DE ACESSO
DA COMUNIDADE RURAL AOS BENEFÍCIOS DA
CIÊNCIA, DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA.

NA FORÇA CRIADORA E NOS POTENCIAIS DE
TRABALHO DO MEU POVO, NOS SEUS ANSEIOS DE
PAZ E ASPIRAÇÕES DE VIDA, NOS INTERESSES
QUE DEFENDE: NOS HORIZONTES QUE PROCURA

NA EXTENSÃO RURAL COMO EDUCATIVA,
MATRIZ DE IDÉIAS E DESEJOS DE PROGRESSO.
MOBILIZADORA DE VONTADES E RECURSOS
PARA A PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO.

EM MIM MESMO EU CREIO, NO MEU PREPARO
PROFISSIONAL E VOCAÇÃO DE SERVIR, NA MINHA
IDENTIFICAÇÃO COM OS ASPECTOS VITAIS DA
COMUNIDADE A QUE PERTENÇO, NA DETERMINAÇÃO
QUE TENHO DE AJUDAR A CONSTRUIR
A GRANDEZA E PROGRESSO DE MEU PAÍS. E
ASSIM, TORNAR ÚTIL A MINHA PRÓPRIA VIDA.

E PORQUE EU CREIO,
SOU EXTENSIONISTA.

EXTENSÃO RURAL: AÇÃO PIONEIRA

O serviço de Extensão Rural que surgiu em 1956, no Estado do Espírito Santo, como uma solução para levar ao homem do campo a assistência do poder público às suas atividades e à sua família. Este serviço nasceu da constatação de um hiato crescente entre a tecnologia adotada pelo homem do campo e a tecnologia recomendada pelas Escolas de Ciências Agrárias e Centro de Pesquisa Agrícolas. Este descompasso entre as fontes geradoras de tecnologia agrícola e a situação real da agricultura vinha provocando um quadro constrangedor quanto aos níveis de renda e bem-estar alcançados pela população rural. Assim, a ação do serviço de extensão rural concentrava-se, de um lado, na transferência de tecnologia agrícola ao homem do campo, executada por técnicos especializados e de outro, na assistência social à sua família, traduzida em orientações sobre higiene, alimentação, saúde, vestuário e habitação, dadas pela Economista Doméstica. No passado a figura do "Agrônomo, da Economista Doméstica e do Jépi", compunha o quadro tradicional que identificava a presença do serviço de extensão rural, nas comunidades de acesso mais difícil no Estado do Espírito Santo.

Fundamentando-se no princípio de "ajudar os outros a ajudarem a si mesmos", o serviço de extensão rural enfrentou sol, chuva, lama e poeira, levando a todas as comunidades rurais do Estado a mensagem de novos horizontes para o agricultor e sua família.

PIONEIRISMO

Na busca contínua e ininterrupta em busca do desenvolvimento do setor agrícola, a extensão rural no Espírito Santo, no seu pioneirismo, abriu novos caminhos à agricultura, antecorrendo-se aos "eventos" que deram ao setor nova dimensão econômica e social. De fato, a partir da constatação de que a



Kleber Furtado de Mendonça
Secretário de Agricultura

escassez de capital entre os agricultores constituía-se em fator limitante ao desenvolvimento agrícola, a extensão rural no Espírito Santo iniciou, em 1960, em convênio com o antigo Banco de Crédito Agrícola do Estado do Espírito Santo (hoje BANESTES), um trabalho pioneiro com crédito rural no país — o Crédito Rural Orientado — que, a partir do Espírito Santo, difundiu-se por todos os estados brasileiros.

Conhecendo a importância do café para a economia do Estado do Espírito Santo, a extensão rural, empenhava-se, mesmo nos anos 60, conhecido como período de declínio do setor cafeeiro no Estado, em difundir a implantação racional de novas lavouras de café, buscando, com tecnologias modernas de tratamentos culturais, colheita e despulamento, a produção de café de melhor qualidade.

Procurando racionalizar a alocação de seus recursos humanos e a disciplinar a aplicação dos financiamentos do Crédito Rural Orientado, a extensão rural — liderando um trabalho também pioneiro no país — elaborou, ainda na década de 60, o primeiro Zoneamento Agrícola para o Estado do Espírito Santo.

Este zoneamento possibilitou a implantação de programas e projetos especiais de desenvolvimento agrícola, marcando nova época na agricultura capixaba, conhecida. Deve-se a este trabalho de base, por exemplo, o crescimento da produção de olerícolas, banana, aves, ovos, pimenta-do-reino, etc.

DIVERSIFICAÇÃO

Finalmente, nestes 25 anos de extensão rural no Espírito Santo, diversas transformações ocorreram na agricultura. Devemos recordar que de uma agricultura desenvolvida, fundamentalmente, com base na exploração de fertilidade natural das terras, passamos a uma agricultura mais exigente em insumos modernos, devido à perda da fertilidade natural dos solos capixabas. Para isto, a Extensão Rural tem se empenhado em transferir tecnologia que garantam ao produtor rural, hoje, maiores níveis de produtividade. Os concursos de produtividade, por exemplo, estimulando produtores a adotar tecnologia que propiciem índices de produtividade duas e três vezes superiores à obtida com as técnicas tradicionais. Os sistemas de pro-

dução formulados pela Extensão Rural têm alcançado rendimento sensivelmente superior à média observada, no Estado, nos últimos anos. Dentro dessa linha de raciocínio, esta década de 1980 estabelecerá um novo marco na história da agricultura do Espírito Santo. Esta é a década dos ganhos de produtividade agrícola. E a Extensão Rural, mais uma vez temos certeza, deixará sua marca neste novo desafio.

Temos tamanha convicção disto que, ao recordar o passado da Extensão Rural no Espírito Santo, o fazemos com um misto de orgulho e saudades e, ao mesmo tempo, com a certeza de que seu passado de vitórias servirá de experiência para garantir-lhe sucesso em toda sua existência.

Nossas felicitações à EMATER/ES pelos 25 anos de Extensão Rural no Espírito Santo. Mais que a EMATER/ES, entretanto, cabem nossos cumprimentos a todas as autoridades públicas — federais, estaduais, municipais e a todos os líderes do meio rural que, ao longo desses 25 anos, prestigiaram o serviço de Extensão, beneficiando, com isto, a classe rural do Estado do Espírito Santo.



O pequeno produtor é uma preocupação constante da Emater

PEQUENO PRODUTOR É A META DA EXTENSÃO

Todo brasileiro tem metas a atingir, e a Emater capixaba não foge desta regra geral. Pequeno produtor, médio/grande produtor e o jovem rural são os segmentos que formam o público da extensão. Como pequeno produtor, entende-se o que possua área inferior a 100 hectares (pequenos proprietários rurais, arrendatários, parceiros e trabalhadores). Já o médio/grande produtor são os que possuem uma área de propriedade acima de 100 hectares. O terceiro item, jovem rural, são os filhos dos pequenos produtores rurais.

PEQUENO PRODUTOR

A estratégia de ação tem base na organização de produtores em pequenos grupos, visando a transferência de tecnologia, para a solução de problemas comuns, para a ação comunitária e outras atividades de auto-ajuda. Com a organização dos produtores, assegura-se maior adequação na forma e natureza de prestação de serviços. Os meios de comunicação de massa, que atingem o meio rural são utilizados para a veiculação de informações e para despertar o interesse do público assistido, para problemas importantes. Os métodos grupais permitem o aprofundamento nestes problemas, através da discussão de soluções e da criação de oportunidades para aquisição de conhecimentos e habilidades. Além disso, é utilizado o crédito Grupal.

MÉDIO E GRANDE PRODUTOR

A estratégia será basicamente a mesma para o pequeno produtor, tendo como diferença principal uma maior utilização de métodos individuais. Isto se admite pelo fato de que, o tamanho de suas empresas, podem necessitar de assistência que resolva problemas individuais. O crédito rural será um instrumento importante para este público.

JOVEM RURAL

A atuação junto ao jovem rural encontra justificativa no ato de ser um contingente da população emergindo para a sociedade produtiva, com potencial de energia, de mudanças e de dinamização. O esforço despendido com esta fração da população significa a preparação da futura mentalidade rural. Os jovens serão atendidos através do estímulo à formação de grupos e participação em atividades comunitárias, onde, junto à aquisição de conhecimentos e habilidades, encontram oportunidade de se recrearem e praticarem sociabilidade. Envolver o jovem no processo produtivo, em razão de sua assimilação das inovações tecnológicas essenciais ao setor.

“NINGUÉM MELHOR QUE A EMATER PRA ENTENDER DE PLANTACÃO, DE MANHÃ, DE TARDE, DE NOITE, ELA É SÓ DEDICAÇÃO. POR ISSO, SEU DOUTOR, PRESTE MUITA ATENÇÃO, PRA GANHAR BOA COLHEITA E SÓ SEGUIR ESSA RECEITA: MUITO TRABALHO E COOPERAÇÃO, UM TRATOR FORD NA MÃO, BASTANTE FÉ NO SANTO CERTO E A EMATER POR PERTO.”



Ceolin Tratores Ltda. AV. FERNANDO FERRARI, 3150
TEL. 227-5259 - VITÓRIA, ES

A semente plantada com o nome de ACARES e depois transformada em EMATER, só tem dado bons frutos. E todos nós, agricultores, só temos a agradecer e acreditar cada vez mais no nosso futuro.

NILZO CAMPOSTRINI
Colatina

Parabéns Emater

EMPRESA QUE NASCEU PARA SERVIR, ENSINAR, INCENTIVAR, COLABORAR, DESENVOLVER...

EMPRESA QUE NASCEU COM A FINALIDADE DE AJUDAR O HOMEM DO CAMPO, NA UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS MODERNOS DE PRODUTIVIDADE!

EMPRESA QUE NASCEU PARA NOS AJUDAR, NA DIFÍCIL MISSÃO DE APLICAR O CRÉDITO RURAL ORIENTADO!

TEMPOS DIFÍCEIS... QUE HOJE MERECEREM SER COMEMORADOS!

Banestes
Banco do Estado do Espírito Santo S.A.



Desde 1956, a Emater vem contribuindo para a evolução das zonas rurais e para o aumento da produção agrícola do Espírito Santo. Um esforço conjunto de todos nós.



ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA

EMPRESAS VINCULADAS:

CERMAG — Companhia de Engenharia Rural e Mecanização Agrícola

EMESPE — Empresa Espírito-Santense de Pecuária

COFAI — Companhia de Fomento Agro-Industrial

ITC — Instituto de Terras e Cartografia

CASES — Companhia de Armazéns e Silos do Espírito Santo

EMCAPA — Empresa Capixaba de Pesquisa Agro-pecuária

CEASA — Centrais de Abastecimento do Espírito Santo



Diversificação Agrícola

O grande desafio que vai sendo vencido

Com apenas 25 anos de vida, a extensão rural no Espírito Santo já tem muita coisa para contar. Um início com toda grande obra, começando pequena, a extensão foi criada em 16 de novembro de 1956, mas efetivamente veio funcionar a nível de campo no ano seguinte. Inicialmente, funcionando num pequeno quarto do Hotel Canas, onde hoje funciona a estrutura administrativa do Inamps, a Acares dava os seus primeiros passos com Pedro Merçon Vieira, Rolf Eduardo Pulsen e Diva Rezende. No local apenas uma máquina de escrever, poucos móveis e um jeep, todos emprestados. Assim nasceu a extensão rural capixaba, lastreada em "ajudar os outros a ajudarem a si mesmos".

Não há quem, no Interior do Estado, não co-

nheça a ação da extensão e a sua participação efetiva no desenvolvimento agrícola e pecuário do Estado. Além de ser o maior contingente de engenheiros agrônomos, de economistas de mestrado e de técnicos agrícolas, o Emater faz parte efetiva da história do Estado, a Rural, do zoneamento agrícola, da nova cultura e também está presente na nova cafeleira rural. Atividades como a avicultura, suinocultura, bananicultura, pimentão-do-reino, seringueira, cooperativismo, pesca, bioprocessadores, e muito interessante transcorreremos o que diz o Relatório de Atividades do ano de 1957.

— A renda bruta anual de Cr\$ 8.000,00 por capita, aproximadamente, revela que o agricultor

tor capixaba produz pouco e, consequentemente, vem a comprar pouco, o que faz com que viva um ciclo econômico praticamente fechado, a executar uma agricultura empírica e longe do Índice de desenvolvimento da tecnologia moderna. Os dados estatísticos revelam que 66% da população do Estado vivem no meio rural, e que 83% da renda bruta estadual, num total aproximado de Cr\$ 5 bilhões, provém do meio rural.

A prova evidente da participação da extensão no contexto da agropecuária capixaba pode ser percebida nos quatro textos que vão fazer parte do Agricultor, órgão oficial da Emater, sobre: café, crédito rural, juventude rural, e um retrospecto do primeiro programa de ação.



Em 1956, a boa semente que já dá bons frutos

Café

Quando a Acares iniciou seu trabalho, a maior preocupação era dar uma assistência técnica integral ao pequeno agricultor, no aspecto que ele mais necessitasse. Mas o que se observou com o passar do tempo, foi que este tipo de trabalho não trazia benefícios para a economia do Estado.

Sem dúvida, o café era e continua sendo a base da economia capixaba, participando com 60% do valor da produção rural no período 1958/1959. Daí, a importância desta cultura na nossa economia e, consequentemente, no nosso bem-estar social. Então a Acares, partiu para uma nova era em suas atividades, onde uma exploração de vulto passou a ser uma preocupação constante.

PREÇO E RENDIMENTO

Embora o café ocupe destacada posição na economia capixaba, o seu rendimento médio de 6,5 sacas/hectares tornava a cultura anti-econômica em decorrência de uma série de fatores tais como: variedades ruins, sistema de plantio, manejo — especialmente devido a erosão, e ao regime de exploração.

Um outro aspecto negativo da cafeicultura capixaba era a má qualidade do produto que não conseguia boa colocação no mercado. No período 1958/1959, a saca de café foi vendida a Cr\$ 800,00, enquanto nesta mesma época os cafés de Minas Gerais e São Paulo foram vendidos a Cr\$ 1.000,00 a saca.

No Programa de Trabalho da Acares para 1958/1959, quando se iniciou a assistência à cafeicultura, o assunto recebeu algumas considerações interessantes, vejamos o seguinte: "Ao que parece, não é recomendável a substituição imediata das novas variedades de café para outra atividade. Tudo indica ser mais viável a substituição das variedades anti-econômicas por plantas tecnicamente formadas, objetivando a produção de um café melhor e de custo de produção mais baixo. Concluiu, diz o documento: "Através da adoção de técnicas



Na cafeicultura tem uma grande contribuição com a lavagem do café

melhoradas é possível, em condições normais, a obtenção do mesmo volume de produção atual apenas com 1/3 da área plantada".

Assim, a meta principal que norteou este trabalho, foi a melhoria da qualidade do café, sua racionalização e tecnificação das lavouras existentes acima de 400 metros de altitude. Num curto espaço de tempo transformações radicais foram conseguidas nos métodos de produção. Técnicas pouco empregadas, como despolpamento, degumagem e seca passaram a ser comuns no dia-a-dia do agricultor.

Com treinamento de líderes, excursões, assembleias em cooperativas, dinamização e reestruturação de cooperativas e diversos outros movimentos educacionais, um número expressivo de produtores do Estado foram despertados para a melhoria do café com a introdução da prática de despolpamento. Centenas de serrilhas, talhas e usinas de despolpamento foram construídas. Cerca

de 120 Culturas Demonstrativas para introdução da variedade Mundo Novo, cujo rendimento médio atingiu 70 arrobas por mil pés, foram introduzidas.

Somente no ano de 1976, em decorrência da venda do café despolpado para o exterior, o Espírito Santo aumentou sua arrecadação em mais de meio milhão de cruzeiros novos. O trabalho com café árabe pela Acares terminou em 1970, com a entrada em cena do IBIC.

Mas, no ano de 1973, sempre atenta para o desenvolvimento rural do Estado e na busca incessante de novas alternativas para o setor, levou mais uma vez a Acares ao pioneirismo na implantação de uma nova cultura em escala econômica: o Café Comum em regiões baixas. Somente neste ano foi orientada a formação de 11 milhões de mudas da variedade, hoje a cafeicultura capixaba ainda é importante na sua economia, a Extensão Rural contribuiu decisivamente para a sua modernização.

Crédito rural

O Crédito Rural Orientado nasceu de uma experiência Capixaba, realizada em 1960, pela primeira vez no país, através da Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo — Acares. E uma das modalidades de Crédito Rural Educativo em que se alia o recurso financeiro à assistência técnica ao produtor, através da qual se capitaliza a propriedade ao promover investimento nas explorações agrícolas financiadas.

O Crédito Orientado foi implantado pela Lei nº 1.490, assinada pelo então governador do Estado, Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, especificamente para o café. Somente no período 1960/1961, 214 contos foram abertas, totalizando um investimento de Cr\$ 18.166.000,00. No período seguinte, de 1961/1962, 228 contos foram abertas com um total de Cr\$ 32.914.800,00. Estes recursos financeiros eram provenientes, por delegação do Governo Estadual, de uma parcela de 70% da taxa de deca do café (taxa estadual de Cr\$ 0,80 por saca).

RESULTADOS

Pode assim a Acares e, inicialmente com cafeicultores, realizar a primeira operação com o Crédito Rural Orientado no Brasil. Os resultados e a repercussão alcançada com esta experiência levaram o Governo Estadual a criar a Carteira Agrícola do Banco do Estado do Espírito Santo — BAESES (atualmente Banestes). O sucesso da experiência levou a promulgação da lei nº 1.634 que veio substituir a Lei nº 1.490, de modo a estender o Crédito Rural Orientado a outras atividades, incluindo também as cooperativas.

Somente no período de outubro de 1962 a fevereiro de 1963, quando as demais atividades agrícolas começaram a serem beneficiadas, a Acares encaminhou à Carteira Agrícola do BAESES, 262 planos de crédito perfazendo um montante de Cr\$ 56.338.200,00. Foram beneficiados os seguintes produtores: Melhorista do café — 167

planos num total de Cr\$ 30.048.700,00; Aumento da Produtividade do Rebanho Leiteiro — 48 planos totalizando Cr\$ 13.694.000,00; Introdução da cultura da manga — 4 planos num montante de Cr\$ 470.000,00; Industrialização da mandioca — 18 planos representando investimento de Cr\$ 1.372.500,00; Aumento da produtividade do Milho — 18 planos e recursos da ordem de Cr\$ 1.377.000,00 e Tecnificação da oliveicultura — 3 planos totalizando Cr\$ 175.000,00.

Em 1963, a disponibilidade financeira para o setor agrícola foi reforçada com recursos do Fundo de Crédito Rural, além de um contrato com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), no valor de 2 milhões de dólares. E, finalmente, em 1964, por Decreto Federal de nº 58.380, foi reconhecido e institucionalizado no país o Crédito Rural Orientado.

Com a consolidação do Crédito Rural Orientado, um novo alento foi inserido na economia capixaba, através da tecnificação da Cultura do Café. Obtenção de café de melhor qualidade produzido com o uso do despolpamento. Melhor alimentação, instalação e manejo do rebanho bovino. Implantação e evolução da avicultura em boas técnicas. Introdução de técnicas como irrigação, drenagem. Atinju-se também os Clubes 4-5 por intermédio do crédito rural. E as cooperativas, quanto ao capital de giro, investimento e financiamento para a movimentação de safra.

A título de informações, damos alguns resultados alcançados pelo Crédito Rural: Ano de 1978 — número de mutações: 2.833; total de recursos: Cr\$ 188.052.263,00; Ano de 1979 — número de mutações: 4.922 — total de recursos — Cr\$ 699.345.138,00; 1980 — número de mutações: 7.674 — total de recursos — Cr\$ 1.241.677.766,00. Assim, o Crédito Rural, quando bem programado e conduzido, pode contribuir para o desenvolvimento do meio rural.

Juventude rural

Não há desenvolvimento global sem a participação da juventude, e a elevação do nível de vida da população rural. Desde os seus primórdios, a Acares e atualmente EMATER-ES, tem se preocupado com os problemas de ordem social nos campos de saúde e alimentação.

No princípio, a unidade de trabalho era constituída de um Engenheiro Agrônomo, uma Economista Doméstica. Enquanto o agrônomo se preocupava com os problemas de natureza econômica a economista doméstica, concentrava suas atividades nos problemas de ordem social.

ATIVIDADES

O público-alvo: as donas de casa, famílias, jovens e parteiros. A atividade Saúde envolve Doenças Transmissíveis, Materno (Gestantes e Nutrientes), Infantil (0 a 1 ano e 1 a 6 anos), Primeiras Socorridas; Saneamento Básico — higiene de casa e arredores, destino dos dejetos e destino adequado do lixo; Abastecimento de água; Proteção de água e tratamento de água e dinamização de mini-projetos.

Na atividade nutrição, o trabalho envolve Produção de Alimentos através da Criação de Pequenos

Animais, Hortas (Família, escolar ou grupo), Pomares (doméstico e coletivo) e lavouras de subsistência. Faz parte ainda Armazenagem (familiar e coletivo), Conservação e Industrialização (Pessoas e Grupos), Feiras, Artesanato e Corte e Costura.

Atualmente a Emater-ES desenvolve este projeto em 19 municípios do Estado. Somente no ano de 1980, cerca de 13.359 famílias foram assistidas; Grupos assistidos em produção de alimentos, serviços de saúde — 544; Abastecimento de Água — 1.701 famílias; Saneamento Básico — 9.091 pessoas; Educação para Vacinação — 23.416 pessoas; Cuidados pré e pós natal (saúde/nutrição) — 2.248 pessoas; Cuidados com crianças (0 a 6 anos) — 5.925; Hortas instaladas e/ou ampliadas — 2.086; Introdução de povos de peixe — 117 e melhoria do consumo de alimentos — 17.283 pessoas.

Paralelo ao trabalho com a família rural, a Acares e atualmente Emater-ES, vem desenvolvendo um trabalho com a Juventude Rural que está servindo de modelo para outras similares do País. O

primeiro plano, quando no Espírito Santo foi em São Zé do, Capixaba, ali hoje em funcionamento.

No período 1961 a 1972, a Acares, chegou a organizar cerca de 60 grupos de jovens rurais. Depois o trabalho seguiu uma trajetória e, somente a partir de 1978 foi novamente incrementado. Num levantamento de 1978, este ano constatou-se que existia no Estado 19 grupos de jovens, sendo que 91 estão constituídos e o restante em formação.

De acordo com o censo Demográfico do IBGE, de julho de 1980, em no Estado uma população jovem de 186.768 habitantes, na faixa etária de 15 a 25 anos. Isto demonstra um excelente potencial de recursos humanos, mas os seus inegáveis apelos a adquirir novos conhecimentos e participarem, consciente e ativamente, das mudanças sócio-econômicas precorridas para o meio rural.

No ano de 1981, a Emater-ES assistiu cerca de 3.519 jovens rurais. Outro destaque no trabalho da Extensão Rural, mais recentemente, é o trabalho com Pescadores artesanais e suas famílias. Em 1980, 847 pescadores e 628 famílias foram atendidas. Neste mesmo ano foram instaladas 42 hortas domésticas, e assistidas 4 colônias de pesca.

**PARABÉNS
EMATER,
PELO SEU
JUBILEU DE PRATA.**

O Sindicato Rural de Linhares, de categoria patronal, parabena a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Espírito Santo — Emater-ES, pela passagem do seu 25º aniversário e aproveita a oportunidade para congratular-se com toda a sua diretoria e técnicos, que durante todos esses anos, souberam fazer da Emater um órgão atuante e que trouxeram para todos os agricultores e pecuaristas do Espírito Santo, benefícios que jamais poderão ser esquecidos.

SINDICATO RURAL DE LINHARES
JOSE MAURO GOMES E GAMA
Presidente

MANDE SEU RECADADO

Mande seu recado pelo jornal. Nas principais cidades do país esta é a nova mania. Uma maneira descontraída de se comunicar. E o recadinho serve para tudo: desde achar um parente desaparecido, até uma declaração de amor, ou ainda para mensagens de felicitações.

A seção RECADOS sai todos os dias nos Classificados de A Gazeta.

RECADOS

Para você se comunicar mais.

A GAZETA
CLASSIFICADOS

**EMATER-ES
25 ANOS...**

**DE AMOR
CARINHO
TRABALHO
E DEDICAÇÃO
AO HOMÉM DO CAMPO.**

HOMENAGEM

**PRODUTIVO
DIFERENÇA APENAS NA IDADE
A FORÇA DA TERRA**

Em todo o Espírito Santo a presença diária da Emater

O programa de trabalho deste ano determina que a extensão rural tem como característica fundamental a "iniciativa de ir ao encontro do produtor rural, despertando-lhe a percepção de problemas que

afetam sua capacidade produtiva, ou ajudando-o a perceber melhor outros ângulos dos mesmos problemas, e as opções de solução disponíveis".

Para cobrir todo o Estado, a Emater possui

uma rede de 50 escritórios municipais, quatro escritórios regionais (Cachoeiro de Itapemirim, Nova Venécia, Colatina e Vitória). Abaixo temos as atividades contempladas pela ação da extensão:

- Abacaxi
- Alho
- Arroz
- Avicultura
- Banana
- Batata
- Bovinocultura
- Café
- Cana-de-açúcar
- Citrus
- Salmocultura
- Tomate
- Mandioca
- Melão
- Reflorestamento
- Olericultura
- Pimenta-do-reino
- Milho
- Fruticultura
- Capacitação de mão-de-obra
- Saúde
- Nutrição
- Cooperativismo
- Pesca artesanal
- Administração rural
- Juventude rural
- Próximos



ÁREA DE ATUAÇÃO — TODO O ESTADO

Apesar da crise econômica o apoio à extensão é normal

Considerando a situação de apuro do nosso Estado, que demanda as situações de contenção orçamentária a nível federal. Não podemos deixar que a extensão rural tenha sido uma das primeiras a ser cortada. A extensão rural é uma atividade que não pode ser considerada como uma atividade de luxo, mas sim como uma atividade que é necessária para o desenvolvimento do Estado. A extensão rural é uma atividade que é necessária para o desenvolvimento do Estado. A extensão rural é uma atividade que é necessária para o desenvolvimento do Estado.

empresa. Atualmente com 253 técnicos ligados diretamente na agropecuária e 177 funcionários administrativos. A Emater está trabalhando com um orçamento de Cr\$ 430 milhões neste ano, sendo que em 1982 vai saltar para Cr\$ 900 milhões.

Segundo a programação da Emater, a extensão possui como objetivo básico: — Transferência de tecnologia agropecuária e gerencial aos agricultores e suas famílias, visando aumentar a produção e produtividade de suas culturas e criações, tendo como resultado, o aumento de sua renda e melhoria de nível de vida e bem estar da família rural.

Os princípios básicos, em número de quatro, envolvem e se desenvolvem nos seguintes pontos estratégicos:

AÇÃO EDUCACIONAL

A ação se caracteriza como

AÇÃO PARTICIPATIVA

O produtor é o agente final das mudanças e, como tal, deve participar ativamente na solução dos seus problemas;

AÇÃO SOBRE A REALIDADE

Toda a ação deve ser baseada na realidade e na busca da solução dos problemas do produtor;

AÇÃO INTEGRADA

A sua ação se realiza através da cooperação institucional no tratamento de problemas afins que afetam a agricultura.

Zoneamento foi realizado pela ACARES

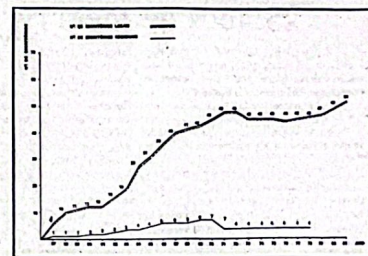
No ano de 1963, dois importantes fatos aconteceram na vida da ACARES: 1º a criação do Serviço de Extensão Rural, 2º a realização do primeiro Zoneamento Agrícola para o Espírito Santo. O outro fato diz respeito à elaboração do primeiro Plano Diretor 1963/1965.

O objetivo principal do Zoneamento Agrícola é o de fixar o que se deve produzir em determinadas regiões e onde se deve localizar determinadas produções. O Espírito Santo possui duas regiões distintas: Uma muito alta, e montanhosa, e a outra muito baixa, praticamente ao nível do mar.

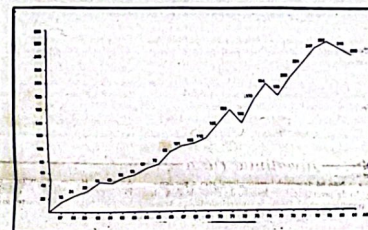
Baseada em cartas do Conselho Nacional de Geografia, dados de precipitação do INOS, mapas de uso de solo, de eletrificação e de outros, a ACARES dividiu o Estado em cinco regiões: Zona de Café, Zona de Gado Leiteiro, Zona de Tráfego, Zona Litorânea e Zona Diversas. Isso tudo para que houvesse uma agricultura dirigida e que pudesse realmente trazer benefícios para o Estado.

Com base neste estudo, o crédito passou a ser aplicado unicamente em regiões econômicas que estivessem de acordo com o Zoneamento Agrícola. Assim, regiões que produziam café de boa qualidade apresentaram produções equivalentes satisfatórias de milho. Em outras regiões, a produção de leite aumentou significativamente, com um rebanho especializado.

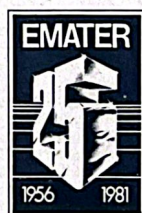
Pode-se dizer que depois da instituição do Crédito Orientado e do Zoneamento Agrícola, uma nova agricultura nasceu no Espírito Santo, com o disciplinamento de sua produção.



Evolução do número de escritórios locais e regionais



Evolução do número de técnicas



Laredo e Emater.
25 anos.

Feliz coincidência.

Foram 25 anos de assistência técnica e orientação para a tranquilidade do agricultor e o desenvolvimento da agropecuária.

A Emater-ES, dispondo de pessoal altamente qualificado prestou inestimáveis serviços por todo o Estado do Espírito Santo, orientando e estimulando o produtor rural, para novas técnicas e uso de equipamentos mais adequados e funcionais, do plantio até a colheita.

Nesses 25 anos a Laredo, também participou deste desempenho, pesquisando, desenvolvendo e fabricando os melhores equipamentos para a batatura e colheita do feijão. Equipamentos que têm como base a adequação e qualidade próprias, para a realidade rural brasileira.

A Laredo, fabricante da Rec Bat 4200, Bel 2100, Bel 700 e mais uma linha completa de máquinas para a agricultura, e a Emater-ES, juntam-se nessa comemoração, com a certeza de que nesses 25 anos de serviços prestados ao homem do campo, as sementes germinaram e os bons frutos estão surgindo.

Emater-ES e Laredo S/A - 25 anos de orientação, técnica e sobretudo bom senso.

Laredo
LAREDO S/A INDUSTRIA E COMERCIO

Representante para O Estado Esp. Santo
Primo - Com. Repr. Ltda.
Rua Samuel Levi - 160 Tel. 522 0099

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTERIO DA AGRICULTURA
DFA-ES

Mensagem à EMATER-ES

O trabalho em equipe é uma das grandes conquistas do homem no campo sócio-econômico e quando este trabalho concorre para a melhoria de condições de vida e aumento da produção de alimentos no meio rural, então é merecedor do aplauso de toda a população.

A EMATER-ES (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - no Espírito Santo), completa hoje 1/4 de século, em labor permanente na terra capixaba, levando técnicas e novos conhecimentos à família interiorana.

PARABENIZO A Empresa, os dirigentes, técnicos e todos os funcionários, em nome da DFA-ES (Delegacia Federal do Ministério da Agricultura no Espírito Santo), dos nossos servidores e no meu próprio, cliente de que os horizontes futuros serão promissores e os caminhos a serem trilhados, independentes das normais dificuldades, conduzirão sempre à sagrada realização, que é ter o dever cumprido.

Vitória (ES), 16 de Novembro de 1981

Engº Agrº Paulo Nicolau Lindenberg Von Schilgen
Delegado da DFA-ES

ACARES/EMATER

Participação positiva na agricultura capixaba

Foi no dia 16 de novembro de 1956, com a criação da Acares e o idealismo e pioneirismo de algumas pessoas, que se plantou a árvore da Extensão Rural no Estado do Espírito Santo. Ela germinou, floresceu e produziu seus frutos. Entretanto, ao longo dessa jornada de trabalho, não estivemos sós. Estas palavras estão na carta circular de convite para a comemoração dos 25 anos da extensão.

Fomos ouvir o presidente da Emater, Adilson Vargas de Souza, para nos mostrar alguma coisa da longa caminhada de 25 anos de vida da extensão rural. Veja a entrevista:

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL NO ESPÍRITO SANTO 1956-1981 25 ANOS COM VOCÊ



25 anos de meio rural

P — Adilson, você que está na extensão rural há 20 anos, praticamente no seu início, diria para você nos traçar o comportamento dela no Estado?

R — Eu acho que a extensão rural, desde o início como Acares (Associação de Crédito e Extensão Rural) e agora prosseguindo como Emater (Empresa de Assistência Técnica e de Extensão Rural), sempre dentro dos mesmos objetivos e princípios de trabalho, tem uma presença marcante dentro do setor agrícola capixaba. A extensão tem acompanhado e buscado soluções adequadas às nossas condições, dentro de nossa agricultura, e desta forma, contribuindo desde aquela época até agora, sempre positivamente.

P — Mas a realidade rural não é estática, ela sempre sofre modificações e toma novos rumos. Como se comportou a extensão?

R — A extensão sofreu várias adaptações. Ela sempre se amolda à realidade de nosso Estado, para poder continuar eficiente e eficaz. O nosso objetivo sempre foi o de trazer benefícios à camada populacional rural, tanto o produtor quanto na sua família.

P — O aparecimento da extensão é praticamente na fase final do ciclo de incorporação de novas áreas à agricultura capixaba.

R — Não, ainda tinha áreas a ocupar, porque a Acares foi criada em 1956 e

funcionou efetivamente em 1957. Acho que neste período o Espírito Santo ainda possuía uma fronteira agrícola a ser ocupada. Tínhamos ainda um potencial de florestas bem grande. A extensão ainda viu o desbravamento da fronteira, muito embora não fosse tão extensa esta fronteira. Nem tão limitada como é hoje.

P — Você acha que se a extensão tivesse aparecido no Estado bem antes de 1956 a situação do Espírito Santo seria outra?

R — Eu não atribuo somente à extensão rural as causas ou efeitos, nas soluções para a agricultura. Nós sabemos perfeitamente que muitas das soluções do meio rural elas não são exclusivas ou somente da extensão rural. Acho que as soluções são frutos de programas conjuntivos, programas agrícolas e programas de infra-estruturas adequadas ao meio rural, de várias instituições. No início da extensão, o Espírito Santo não tinha um mapa de solos, mapa edafológico e nem mesmo de dados concretos sobre o meio rural, que pudessemos nos fundamentar numa programação mais precisa.

P — Então, na sua opinião havia na realidade um grande trabalho a ser concretizado, mas ao mesmo tempo uma carência de informações para se trabalhar?

R — E faltavam coisas dentro de um conhecimento mais prático. Mas a vivência das populações rurais e das suas necessidades, somadas aos conhecimentos

técnicos da extensão, poderiam gerar soluções adequadas para a época. Eu na verdade não sei se a extensão rural apareceu mais cedo, se modificaria a situação. Quando teve a política de erradicação dos cafeais na década de 60, a extensão não teve ação nisto, mas este fato teve um efeito de grande profundidade em termos de Espírito Santo.

P — Nesta época da erradicação, a nossa economia era baseada principalmente na cultura do café.

R — Exato, em termos de economia do Espírito Santo que era paulista em cima do café, a nossa agricultura, respondendo por mais de 60% da economia estadual, representava mais de 40%. Com a política de erradicação, a economia como um todo foi muito grave. Posso dizer com tranquilidade que até mesmo dentro do ponto de vista social, porque tivemos uma evasão de mão-de-obra muito grande. Nesta situação, a extensão não pôde fazer nada.

P — A primeira erradicação foi em 1962. A segunda foi em 1964. A extensão surgiu em 1956/1957, neste primeiro período (entre o surgimento da extensão e a erradicação) era difícil a atuação da extensão?

R — Realmente neste período era bem mais difícil de se trabalhar. Primeiro por que não havia uma experiência, e um conhecimento de um tipo de trabalho como este de extensão rural. O técnico, com metodologias adequadas chegando ao produtor e levando os conhecimentos necessários para aumento da produção e produtividade, naturalmente que era visto com desconfiança. Também a própria situação conjuntural da época levava a isto.

P — Então a resistência foi um problema para os primeiros extensionistas?

R — Havia bastante resistência do produtor e em aceitar uma coisa nova. Acho que era uma situação bastante compreensível e muito natural. Por outro, também, o Espírito Santo era praticamente monocultor de café. Introduzir coisa nova onde já existe uma tradição centenária de café, como uma única fonte de renda básica, complementada talvez pelo milho, era bem mais difícil em relação aos dias de hoje.

P — Na última fase da erradicação, em 1966, a extensão tinha 10 anos de vida, o café perdeu parte de sua grande importância, como você viu o desafio da extensão na época de diversificação?

R — Realmente nesta época a extensão

rural mostrou a grande importância que tem no nosso cenário agrícola. Nesta época era ainda a Acares, que embora não vinculada diretamente à Secretaria de Agricultura, ela integrava o sistema agrícola como um todo. A contribuição ao lado de outros órgãos e também ao lado da Secretaria de Agricultura, para contornar os problemas da erradicação, foi muito grande e importante.

P — E nesta época então que surgem as políticas de diversificação?

R — Correto. Partiu-se para uma situação que se tinha a necessidade premente de ao lado do incentivo que o governo colocou para se diversificar com outras atividades, um trabalho intenso de motivação e esclarecimento dos produtores. Mostrar que havia alternativas para a substituição do café, foi o grande desafio. A diversificação foi benéfica para o produtor, e para o Estado, como é hoje. Neste ponto ocorreram várias soluções, mas também tivemos problemas, não por falta de apoio de governo e da extensão.

P — Cite um exemplo de fracasso.

R — A banana, onde tivemos de introduzir uma tecnologia adequada, porque somente se conhecia tecnologia de São Paulo. Somente se conhecia uma tecnologia de banana na varzea, e por isso tivemos de gerar uma tecnologia de banana na encosta, na montanha, que é hoje uma atividade de grande importância, creio que o quinto produto, com uma boa renda, para o produtor.

P — Então você acha que a ação da extensão nestes 25 anos de trabalho foi produtiva, com os prós superando os contras?

R — Achamos que ela foi altamente positiva.

P — Agora você poderia citar uma vitória importante?

R — A banana, onde tivemos de introduzir uma tecnologia adequada, porque somente se conhecia tecnologia de São Paulo. Somente se conhecia uma tecnologia de banana na varzea, e por isso tivemos de gerar uma tecnologia de banana na encosta, na montanha, que é hoje uma atividade de grande importância, creio que o quinto produto, com uma boa renda, para o produtor.

P — Então você acha que a ação da extensão nestes 25 anos de trabalho foi produtiva, com os prós superando os contras?

R — Achamos que ela foi altamente positiva.

P — Cite um exemplo de fracasso.

R — A banana, onde tivemos de introduzir uma tecnologia adequada, porque somente se conhecia tecnologia de São Paulo. Somente se conhecia uma tecnologia de banana na varzea, e por isso tivemos de gerar uma tecnologia de banana na encosta, na montanha, que é hoje uma atividade de grande importância, creio que o quinto produto, com uma boa renda, para o produtor.

P — Então você acha que a ação da extensão nestes 25 anos de trabalho foi produtiva, com os prós superando os contras?

R — Achamos que ela foi altamente positiva.

A extensão e o êxodo rural

P — Adilson, também neste período dos 25 anos da extensão, podemos observar no Espírito Santo um êxodo rural muito acentuado. Qual foi o comportamento da extensão?

R — A extensão vem acompanhando passo a passo o setor agrícola, por causa do seu convívio com os produtores rurais, e com as suas famílias. O que a gente percebe, é que realmente tem havido uma evasão de população rural. Parte, em função da erradicação do café, que forçou uma aceleração do processo. Mas o êxodo continuou existindo, mesmo com o retorno do café em regiões demandadoras de mão-de-obra, além de outros fatores. Podemos citar, que os grandes projetos na região da Grande Vitória, têm sido uma demonstração de estímulo muito grande para o emprego de mão-de-obra. O pessoal vem na expectativa de melhor condição de vida, de melhor padrão para a sua família e de melhor salário. A falta de uma base agrícola definitiva, é que tem levado o pessoal a sair para o meio urbano.

P — Mas o êxodo não é um privilégio do Espírito Santo?

R — Esta situação de êxodo ocorreu em todo Brasil, todos em busca de melhores condições de trabalho e de salário. Acho que não foi um privilégio nosso, porque ele ocorreu em toda parte. A gente nota uma coisa significativa no Espírito Santo, que embora houvesse um decréscimo de população, o Estado, que possuía uma estrutura fundiária com o predomínio da pequena propriedade (abaixo de 100 hectares, exploração familiar) sofreu alguma concentração, mas ainda permaneceu.

P — Como está a nossa estrutura fundiária?

R — Ela hoje ainda mostra mais de 80% com área abaixo de 100 hectares. Ocorreu alguma concentração de área em função de eucalipto e alguns outros projetos. Mas com a diversificação, a extensão rural contribuiu e com o retorno da cafeicultura em condições mais adequadas e mais técnica, se pôde manter a estrutura fundiária do

OBRIGADO.

E desta forma que todos os agricultores capixabas devem estar se expressando neste momento em que a Emater está fazendo 25 anos. Foram 25 anos de luta, lado a lado, em prol da agricultura do Espírito Santo



COOPERATIVA AGRÁRIA DE COLATINA

PARABENS!
EMATER

25 ANOS DE EXPERIÊNCIAS

NÃO É SÓ DE PÃO QUE VIVE O HOMEM MAS TAMBÉM DE TUDO AQUILO DE BOM QUE NOS ENSIMAM, E QUE COLOCAMOS EM PRÁTICA.

NOSSAS HOMENAGENS A "EMATER" QUE AJUDA O HOMEM A SEMEAR E COLHER OS FRUTOS PARA QUE NOSSAS MESAS FIQUEM SEMPRE FARTAS.

NÓS NOS SENTIMOS SATISFEITOS EM VENDER TRATORES E IMPLEMENTOS, CONTRIBUINDO ASSIM PARA QUE O ENSINAMENTO E A PRODUÇÃO MELHOREM CADA VEZ MAIS NOSSAS VIDAS.

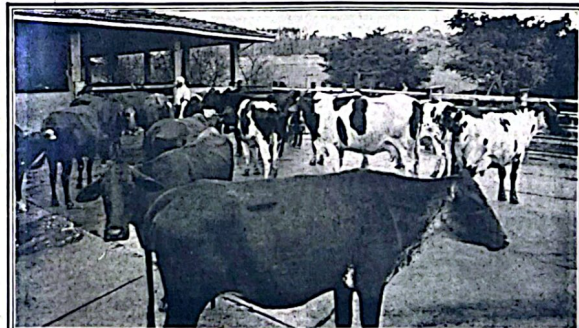
NOSSOS RECONHECIMENTOS.

LOJAS DADALTO S/A/TRANORTE COM. LTDA.

LOJAS DADALTO
LINHARES — FONE 264.0011

Tratores
CBT e AGRALE
Implementos e
máq. agrícolas

TRANORTE
CARAPINA — FONE 228.1402



A QUALIDADE SELITA MUITO DEVE À EMATER.

Inda outro dia, fizemos 43 anos. Estamos quase cinqüentão.

Nesses anos todos, procuramos aprimorar a qualidade de nossos produtos, principalmente o leite que dá origem aos sabores queijos tão preferidos do povo. Como cooperativa, temos a obrigação de dar a melhor assistência aos nossos filiados e, consequentemente, partimos em busca da melhoria da qualidade do rebanho leiteiro.

E surgiu então a ACARES.

E depois veio substituí-la, com mais vigor, com mais entusiasmo a EMATER. E nosso trabalho foi facilitado. O proprietário rural, devidamente orientado, introduziu flagrantes melhorias em sua propriedade

e principalmente no aprimoramento do seu rebanho. E por isso que a SELITA sempre afirma que a qualidade de seus produtos começa no curral. Porque ali se evidencia o trabalho dos homens da EMATER, pelo qual somos muito gratos.

Hoje, comemorando seu Jubileu de Prata, a EMATER recebe com toda justiça as homenagens dos pecuaristas, particularmente dos ligados à Cooperativa Laticínios de Cachoeiro de Itapemirim Ltda. Afinal, a comprovada e decantada qualidade dos produtos SELITA, muito deve à orientação dos técnicos da Emater.

Por isso, a nossa homenagem na comemoração dos seus 25 anos.





Adilson Vargas de Souza, presidente da Emater

Estado que foi uma coisa muito boa. Esta situação pôde permitir uma fixação de mão-de-obra.

P — Você falou que a nossa estrutura agrária é de pequenos e médios proprietários, agora, qual é a influência deste fato na programação da empresa?

R — A extensão que é uma empresa pública estadual, integrada com a Secretaria de Agricultura e ao Sistema Embrater (ligado ao Ministério da Agricultura) tem a responsabilidade de formular e executar a política de extensão. Acho que temos de fazer tudo com base na realidade palpável e nas condições que temos. Também temos atuação com o jovem rural, mas não desprezamos o grande produtor.

P — O trabalho com a juventude rural é com doação-de-casa, não aparece em termos de volume de crédito?

R — O nosso trabalho não é, especificamente com crédito rural. Nós que estamos em todos os municípios do Estado, temos convênios com os agentes financeiros, elaboramos os projetos de créditos como uma ferramenta necessária, válida e útil ao produtor, para que ele possa utilizar esse recurso no desenvolvimento de suas atividades. O crédito rural, inclusive em termos de produtores

rurais assistidos, deve representar uns 10%. Então, o crédito não é o mais significativo de nossa ação, muito embora seja importante, nós julgamos que seja. Nós damos prioridade ao trabalho com o produtor rural, para produção de auto-abastecimento e de comercialização do excedente para o meio urbano.

P — Então a juventude e a doação-de-casa não importam?

R — Sim e por duas razões. Primeiro se vai ficar no meio rural, é de se querer que ele fique em condições de vida e que tenha conforto necessário, tendo esclarecimentos nas áreas de saúde e de nutrição. A juventude rural nós julgamos importante, porque você vê, a extensão rural está fazendo 25 anos, é uma geração. Se você trabalha com o jovem hoje, daqui a uma nova geração que vai dirigir e em condições melhores. Julgamos ser uma das coisas mais importantes que temos, trabalhar esta juventude, porque é um pessoal que tem capacidade e potencialidade para aprender. E uma população fácil de se trabalhar, pois eles é que serão os produtores de amanhã, mas com mais conhecimento, esclarecimento e bem mais conscientizados.

P — A extensão até bem pouco tempo atuava com técnicos específicos nos diversos ramos. Atualmente os técnicos são polivalentes. Esta modificação valeu realmente a pena, levando-se em conta o produtor?

R — Nós entendemos que facilitou o trabalho, porque o extensionista trabalha a nível de propriedade rural já que as nossas propriedades rurais são pequenas e familiares, e não são especializadas, mas diversificadas, porque possuem mais de uma atividade. Quase sempre o produtor centraliza a sua produção em dois, três ou mesmo quatro produtos prioritários, por condições ecológicas e também de mercado. Creio não ser difícil para um técnico, com os conhecimentos que ele tem, atender bem estas várias atividades. Este esquema facilita porque diminui custos, melhora a eficiência e pode melhorar a qualidade do trabalho do extensionista, quando se trabalha com a propriedade como um todo.

P — Quem hoje é o responsável pela estrutura financeira da extensão?

R — A nossa manutenção é basicamente orçamentária. Cinquenta e cinco por cento de nosso orçamento é federal, via Embrater. Trinta e cinco por cento é orçamentário estadual. O restante, 10%, é fruto de atuação própria, convênios com outras instituições, inclusive com as prefeituras.

Vale a pena ser extensionista?

P — A extensão é ainda nova no Estado, apesar de estar completando 25 anos, você acha que a carreira de extensionista (agronomo, veterinário, economista-doméstica e técnico agrícola) é atrativa?

R — Acharmos que sim. O extensionista que faz o seu trabalho com amor e com carinho, geralmente cresce, produz e gera resultados. O extensionista que é extensionista e que gosta da extensão, com o intuito de colaborar para que outros cresçam, é uma profissão realizadora pessoalmente. O extensionismo é um trabalho idealista, acima de tudo.

P — Então é um trabalho que, a pessoa que o faz gostando dele, se realiza?

R — Que vale mais pela realização que ele faz, pela realidade que alcança, do que pelo que ele ganha. Em termos reais, nós somos forçados a admitir que o extensionista não é bem remunerado. O salário de nossos técnicos está dentro da faixa de mercado normal. Não pagamos abaixo do mercado; temos acompanhado as faixas salariais do mercado. Mas se considerarmos que o extensionista

não tem dia, não tem feriado, não tem dia santo, não tem hora para trabalhar, ele tem os compromissos a cumprir, seja a que hora for, para isto teria necessidade que o extensionista tivesse uma remuneração bem mais do que tem hoje.

P — Adilson, então é uma dedicação que podemos classificar como exclusiva?

R — Certo, porque o agricultor, para você agir bem com ele você tem de agir dentro da sua realidade. Se é possível reunir com o produtor no sábado, não adianta você querer fazer na segunda, tem de ser no sábado mesmo. Exige uma dedicação plena, exclusiva, quase.

P — No seu início na extensão, a remuneração para o extensionista era melhor do que atualmente?

R — Eu não diria que foi melhor ou que é melhor, porque tem seguido normalmente os padrões salariais e os padrões de mercado vigente nas ocasiões. A extensão sempre seguiu a faixa de mercado. E lógico que existe algumas instituições que remuneram o profissional da área

agronômica melhor que na extensão. Temos de admitir que é a extensão que admite um maior volume destes técnicos, tendo ela um papel social no mercado de trabalho, muito significativo.

P — Os profissionais recém-formados procuram muito a extensão?

R — Acontece um fato interessante. No início da extensão, quando era um trabalho pouco conhecido, existiam menos escolas e menos formandos. Era uma luta para se conseguir agrônomos. Nós iam buscar e disputar os agrônomos nas escolas.

P — Mas e hoje, como é a situação de trabalho?

R — Hoje, com a proliferação de escolas que existem no país, com um contingente profissional formando bastante grande, também em função de problemas conjunturais, existem profissionais, poderíamos dizer, desempregados.

P — Então a necessidade de uma empresa poderá ser facilmente coberta, caso ela queira contratar?

R — Nós podemos até nos dar ao capricho de dar concurso, e de selecionar, com mais cuidado, o nosso pessoal.



João Raphael Guerra (diretor técnico), Adilson Vargas de Souza (diretor presidente) e Anadyr Zanotti (diretor administrativo)

Em 25 anos de vida,
a Emater-ES já contribuiu
para a plantação e colheita
de muitos frutos.
E nós, que estamos no
dia-a-dia do agricultor,
sabemos o quanto foi
importante essa
contribuição.



Casa do Adubo Ltda.

Vitória: 222.0555
Alto Laje: 226.4144
Cassa: 226.3299 - R.141

Emater.

25 anos de apoio ao homem do campo.
E de desenvolvimento da agricultura
do Espírito Santo.

A homenagem da



**COOPERATIVA AGROPECUÁRIA DO
NORTE DO ESPÍRITO SANTO LTDA.**

**PARA FALAR DO DESENVOLVIMENTO
AGROPECUÁRIO
DE NOSSO ESTADO,
É PRECISO FALAR
DO TRABALHO DA EMATER**

A Emater, tem contribuído há 25 anos, com o desenvolvimento e aplicação de novas técnicas na pecuária e na agricultura do Espírito Santo. A orientação correta, fez com que fosse aumentada a produção estadual, e o apoio técnico constante fez com que a qualidade fosse melhorada. É por isso que para se falar no desenvolvimento agropecuário do Espírito Santo, tem que se falar no trabalho e na dedicação dos técnicos e da diretoria da Emater-ES: um órgão que muito tem feito para todos nós.

**COOPERATIVA AGROPECUÁRIA MISTA DE
LINHARES - CAMIL**

**JOSÉ PESSOTTI
Presidente**

Pedro Merçon, Rolf e Diva Rezende: sementes da extensão

Hoje, aos 25 anos, a extensão rural está homenageando os seus fundadores e os seus colaboradores com mais de 20 anos de trabalho na empresa. Como homenagem especial aos fundadores: Pedro Merçon Vieira, Diva Rezende e Rolf Eduardo Pulschen (falecido), a extensão (Acares/Emater) exprime de forma carinhosa o seu agradecimento ao trabalho e a dedicação destes, que fizeram a base do trabalho de hoje e do amanhã.

Também os extensionistas e funcionários da área administrativa, com mais de 20 anos de ligação com Acares/Emater, serão homenageados por seus colegas abaixo, a relação dos 17 homenageados, por ordem de antiguidade na extensão rural:

— Anna Mariani
— Armando Marques Vieira
— Carmelinda Soares da Oliveira
— Maria Helena Merçon da Silva
— Daurio Brito
— Osman Franchinetti de Magalhães
— Gentil Mauro Andrade
— Guido Silvino Ferreira
— José Oscar de Magalhães
— Manoel Monteiro Calvão
— Adilson Vargas de Souza
— Idézia Marques Dias da Silva
— Rui Nilo dos Santos
— Ruy de Mendonça
— Kleber Furtado de Mendonça
— Virgílio Braz de Carvalho
— João Raphael Guerra



Pedro Merçon, Diva Rezende e...



...Rolf Eduardo Pulschen, baluarte da primeira hora

Em 1956 o primeiro plano da extensão

Estamos no ano de 1957. A Acares inicia suas atividades de Extensão Rural no Espírito Santo, com a instalação dos seus primeiros escritórios. Organização particular, sem fins lucrativos e isenta de quaisquer partidários políticos ou religiosos na sua ação, a Acares executa atividades educativas no meio rural com o emprego de métodos científicos às populações. Seus planos são discutidos e elaborados com as próprias famílias rurais, buscando melhorar suas condições de vida.

A discussão e o planejamento conjunto caracterizam a Extensão, que se baseia no conhecimento perfeito da realidade rural para permitir que seus trabalhos tenham em conta o nível cultural e econômico do povo. Os problemas são selecionados de acordo com as

necessidades da população rural, possibilitando assim a solução dos mais urgentes e que afetam maior número de pessoas. Em resumo, são estes os principais pontos em que a filosofia de trabalho da Acares é sedimentada.

ESTUDO DA SITUAÇÃO

Com a elaboração do primeiro Programa de Trabalho para o ano agrícola 1957/1958, o estudo da situação mostrou que a população urbana total do Estado era de 194.935 habitantes e a rural era de 666.627 habitantes. Nos municípios atendidos pela Acares, o número de pessoas residentes do meio rural era de 260.416, representando 40% do total geral do Estado (rural).

O quadro de criações (animais) era:

Total do Estado		Municípios atendidos pela Acares
Bovinos	700.760	190.600
Suínos	989.140	366.600
Equinos	124.730	32.400
Muões	124.930	39.100

PRODUTO	PRODUÇÃO/Ton	Valor em Cr\$ 1.000,00
Café	94.300	1.945.900
Milho	99.500	321.000
Mandioca	500.000	703.000
Féijão	30.400	279.000
Arroz	24.300	103.000

CREDITO RURAL

Muito pouco se tinha ainda no Espírito Santo sobre crédito rural. Poucas eram as agências bancárias que operavam

de café. Os rendimentos são baixos e, em especial, o café apresenta o índice de 6,5 sacas/ha.

CULTURAS
Valor em Cr\$ 1.000,00

com este tipo de crédito e mesmo assim difundidas em pequena escala pelo interior do Estado. O Crédito Rural é importante na transferência de tecnologia ao produtor, o que levou a Acares a intro-

duzir inicialmente o Crédito Rural supervisionado com a finalidade de capacitar os pequenos e médios agricultores a uma melhor exploração de suas propriedades e possibilitar, ainda, a elevação do seu nível de bem-estar social.

Outro lado relevante e apresentado pelo Relatório de Atividades de 1957 diz que a renda bruta anual de Cr\$ 6.000,00 por exploração, aproximadamente, revela que o agricultor capitava produz pouco e, consequentemente, vem a comprar pouco, o que faz com que via num ciclo econômico praticamente fechado, a executar uma agricultura empírica, e longe do índice de desenvolvimento da tecnologia moderna. Mais a seguir, o relatório nos mostra uma outra interessante faceta do setor: "Os dados estatísticos revelam que 66% da população do Estado vive no meio rural e que 63% da renda bruta estadual, num total aproximado de 5 bilhões de cruzeiros, provém do meio rural".

Após todas estas considerações foi montado o primeiro Programa de Trabalho da Acares (Ano agrícola 1957/1958). Foram eleitas as seguintes atividades: Conservação de solo; Melhores métodos de plantio, cultivo, colheita e preparo do café; Produção de alimentos; Aducação; Combate às pragas e doenças das lavouras; Melhores criações; Alimentação do gado; Higiene dos animais e melhores métodos de criação. O aspecto social é tão importante que sem o seu desenvolvimento seria impossível manter o processo econômico. O Programa de Economia Doméstica para o mesmo período selecionou as seguintes atividades: Nutrição, Vestuário, Melhoramento do lar e Saúde.

CALIR

Onde a força de trabalho é aperfeiçoada

O Centro de Aperfeiçoamento do Líder Rural (Calir), localizado em Viana, atualmente com a sua capacidade para alojamento de 180 pessoas, tem como finalidade principal propiciar ambiente para a atualização dos técnicos da extensão e de outras entidades. Administrado pela Emater e pela Mitra

Diocesana de Vitória, o Calir serve ainda à Federação da Agricultura, Federação dos Trabalhadores na Agricultura, cooperativas, sindicatos rurais e entidades ligadas ao meio rural.

A sua utilidade é imensa, porque permite a reciclagem dos extensionistas perío-

dicamente, dando a eles mais conhecimentos e novos métodos de trabalho. Atualmente no Calir existe em pleno funcionamento um biodigestor, sendo que é plano da atual direção da Emater montar unidade didática de suinocultura e avicultura, bem como de culturas, tipo nas pequenas propriedades.



Calir, em Viana, centro de treinamento



O primeiro veículo, hoje uma peça histórica



Dia de campo, a tecnologia em grupo

A Lasa e a Lagrisa cumprimentam os diretores e técnicos da Emater, pelos 25 anos de relevantes serviços prestados à agro-pecuária capixaba.

A Lasa e a Lagrisa estão integrados no mesmo objetivo do desenvolvimento agrícola do Espírito Santo.

LASA
LINHARES AGRO-INDUSTRIAL S.A.

LAGRISA
LINHARES AGRO-PECUÁRIA S.A.

OS CAMINHOS DA PRODUÇÃO

Uma maneira séria de falar com o seu mercado específico.

Fechamento: 16 de novembro
Artes/fotolitos: 20 de novembro
Publicação: 25 de novembro

SUPLEMENTO ESPECIAL
A GAZETA